



Guarde a Fé!

“Guarde o precioso depósito, pela virtude do Espírito Santo” [II Tim I, 14]

Boletim do Priorado Pe Anchieta. Rua Mauricio Francisco Klabin 223, Vila Mariana, São Paulo. 04120-020 Tel: (11) 4301-8939

Nº48

A PALAVRA DO PRIOR



Dom Castro Mayer. Mas, infelizmente, mesmo lá, há a tendência de nos fazer esquecer esta realidade do túmulo, outrora muito presente, por causa dos cemitérios construídos às voltas de cada igreja. Os cemitérios, doravante afastados, são transformados em jardins e espaços para passear.

Para escapar deste ambiente ruim, esta parábola, que nos fala da morte de Cristo, nos revela uma realidade muito importante: o valor da morte de Cristo e dos cristãos.

No tempo da Paixão, Nosso Senhor empregou a parábola do grão de trigo para explicar ao povo a necessidade da Sua Morte. Hoje, a fé no mistério da cruz estando muito diminuída, é muito atual meditar esta parábola. A cruz, de fato, é vista como um obstáculo, uma coisa negativa que querem evitar todos os cristãos habituados de um lado a praticar as virtudes positivas como as de trabalhar, animar e inovar etc. e de outro lado a negligenciar as virtudes de mortificação, reparação e de fidelidade. O mistério pascal substitui a cruz. No entanto, os cemitérios, em que moram pessoas queridas, continuam a nos falar da morte e da cruz. Dom Lefebvre é a pessoa que merece especial atenção, bem como

SECCÕES:

A PALAVRA DO PRIOR	1
A CASA	5
POR GUSTAVO CORÇÃO	
CRÓNICAS DE VIAGEM	9
A CIDADE DUAS VEZES	
SANTIFICADA	
OPERAÇÃO ACABAMETO	11
SEMANA SANTA	12

“Se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica ele só; mas, se ele morrer, produz muito fruto” (S. João 12, 24). Nesta parábola, Jesus evidencia o valor positivo de Sua morte para nós. Depois do Pecado, somos pó, podridão sem valor. Jesus é o Filho de Deus, herdeiro da vida eterna que quer nos associar a sua herança e nos integrar na sua família. Assim como o grão de trigo, na sua morte, o Filho de Deus lança raízes que vão reciclar a podridão que somos e nos reunir todos na espiga da comunhão dos santos. A Missa que renova a Morte de Jesus serve para apanhar nas suas santas raízes todos os homens no espaço e no tempo, e assim nos oferecer a oportunidade de tomar parte na comunhão dos Santos.

Mas Jesus continua : “O que ama a sua vida, perdê-la-á, e o que odeia a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me quer servir, siga-me; e, onde eu estiver, estará ali também o meu servo. Se alguém me serve , meu Pai o honrará” (João 12, 25-26), e numa outra passagem: “Eu sou a ressurreição e a vida... Todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente” (João 11, 25). Jesus

nos ensina que por causa da sua morte preciosa, a mortificação e o sacrifício do homem são como um investimento que dá lucro. Empregar a nossa energia para servir a Jesus na Sua vontade de nos fazer participar da sua morte é ganhar a vida eterna. Fazer morrer “o velho homem” (Natureza ferida pelo pecado original) pelos esforços, mortificações e sacrifícios é participar na Sua ressurreição.

Este resumo do discurso de Jesus pronunciado no templo antes de entrar na Sua Paixão é significativo para revelar o caráter especial da morte de Jesus e a dos cristãos que serviram a Jesus. “Sanguis Martyrum semen christianorum”.

A morte de Jesus é uma fonte de conversão e de vida por tudo o que não tinha valor e vida. Por causa da morte de Jesus, a morte dos cristãos mortificados torna a ser uma fonte de inspiração, de graça para os vivos. “Se somos mortos com Cristo: cremos que juntamente viveremos também com Cristo”(Rom 6, 5). Se “O sangue dos mártires foi uma semente de cristãos” (Tertuliano), a morte dos cristãos exemplares é uma pregação que nos convida a viver na virtude e para a realidade da eternidade, a se converter e se purificar. Os cemitérios cristãos

são escola da eternidade e fonte de muitas graças atuais. Os cemitérios falam do Purgatório e do Céu e acabam com o materialismo.

Neste quadro de pensamento é bom lembrar do falecimento de Dom Lefebvre, este grande Arcebispo, fiel até ao heroísmo, ao seu compromisso de bispo da Igreja de “conservar integralmente a Tradição dos apóstolos” (Pontifical Romano). Ele seguiu e serviu a Igreja contra “os falsos profetas” profetizados por Jesus (os novos teólogos), que pregavam inovações dentro da casa de Deus (no Vaticano II). Jesus deu esta recomendação: “Não lhes deis crédito” (S. Mat. 24, 26), e Dom Lefebvre teve a coragem de seguir esta recomendação divina ao custo de muitas condenações. A experiência pastoral do Vaticano II fascinou tanto que produziu uma cegueira fanática. Todas as pressões e perseguições que decorreram dele aumentaram as dificuldades, mas, no mesmo tempo, realçaram o mérito da fé deste Arcebispo. Nesta tempestade, ele defendeu a Tradição como regra de fé obrigatória contra a noção modernista de tradição maleável. A sutileza modernista que deturpa as noções da teologia tornou-se sem

efeito diante da fé de Dom Lefebvre. Ele se levantou contra a noção de um Magistério acima da Tradição, contra a noção de um magistério democrático e da autoridade colegial, contra a noção de liberdade religiosa, contra esta experiência pastoral de abertura aos erros do mundo, contra o ecumenismo que invadia tudo. O corpo falecido de Dom Lefebvre foi visitado com sinal de veneração pelo Bispo residente Dom Schwery e por um cardeal de Roma com estas palavras significantes “este homem tinha bem defendido os direitos da Igreja e a autoridade do Papa”. Se as mesmas convicções estão agora germinando nas inteligências de um Gherardini, de um Di Mattei e de demais bispos e religiosos, que reivindicam a liberdade de criticar o concílio e de desmistificá-lo, trata-se do fruto póstumo deste grande homem (post-mortem). Não, agora as coisas não podem voltar atrás. A linha do Vaticano II, apesar dos modernistas, se desvalorizou; as coisas começam a ser analisadas na linha da doutrina e não mais na linha pastoral ecumenista. O que vai crescendo é a Tradição sem compromisso e sem coexistência pacífica com as novidades da experiência conciliar.

Prova disso é a tese que acaba de ser defendida com sucesso nas universidades romanas, afirmando que a autoridade do concílio Vaticano II não é mais do que a autoridade de uma pregação dos anos 60.

A morte de Dom Lefebvre é, portanto, uma boa semente cujo fruto será a nossa fidelidade na justa noção da Tradição e do Magistério. “Tradidi quod et accepi”.

Dom Lefebvre, pelo seu exemplo e doutrina, retirou todas as armas das mãos dos seus adversários; eles têm agora apenas as armas do farisaísmo para lutar contra a Tradição autêntica: as regras de disciplina contra a verdade. Isto já aconteceu no Evangelho: porque a sua doutrina era irrepreensível, Jesus foi condenado como não respeitando as regras do sábado ou da higiene, e, logo, não podia ser o Messias apesar das provas milagrosas, e sua pretensão era considerada como blasfêmia digna de morte.

Hoje, assistimos à mesma guerra contra a Tradição por parte dos adversários. O grande motivo de censura contra a Tradição é o fato de não respeitar as regras do direito

canônico, da legalidade etc. para conseguir uma condenação da FSSPX a tudo custo ou ao menos suscitar uma suspeita grave contra ela (como cismática). Até eles invocam ainda o fato das consagrações dos 4 bispos, mesmo depois do decreto de anulação da excomunhão; acumulam todas as censuras incorridas por Dom Lefebvre, sem se importarem pelo fato de Roma não querer mais se lembrar disso (durante uma peregrinação em Roma, os 4 bispos foram magnificamente recebidos pelo Cardeal Hoyos). Roma reconhece a FSSPX como católica na sua doutrina e tenta ver como conceder-lhe uma situação canônica, sem provocar uma revolução da parte dos modernistas, mas mesmo assim eles continuam a pretender que a FSSPX é cismática, sedevacantista etc. Os argumentos deles partem de questões de disciplina para depreender uma medida de condenação.

O nosso coração está em dívida para com estes grandes seguidores de Jesus Cristo, Dom Lefebvre e Dom Castro Mayer, e a nossa esperança está fortalecida para continuar no mesmo combate.



A CASA

Por Gustavo Corção



*S*ó pode ser na casa. Na casa de família. Na casa que se fecha, não para isolar-se da cidade, mas para abrigar da chuva e do vento a boa sementeira da amizade.

Em relação aos muros da casa de família há porém um problema semelhante ao das fronteiras das nações. Há casas patrióticas e casas nacionalistas. Poderíamos também mencionar as casas internacionalistas, onde entra e sai quem quer, onde todo o mundo faz o que lhe passa pela cabeça, e onde, em suma, impera tamanha tolerância que não seria impróprio chamá-las casas de tolerância.

As nacionalistas são aquelas que mais abrigam uma quadrilha do que uma família. Não porque sejam os seus membros ferozmente desunidos; antes porque são unidos ferozmente. Unidos contra as outras casas.

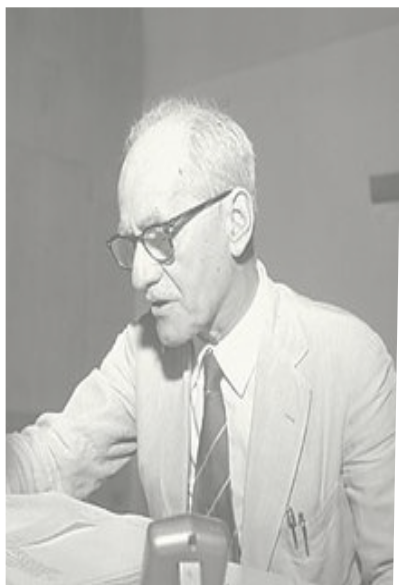
Nesse ambiente, por mais educados que sejam os hábitos, conspira-se contra a cidade. Nesse reduto, nesse covil, em lugar da sementeira cívica, o que se prepara é o favoritismo, o que se manipula é o pistolão. Nessa casa, o de que se cuida é de arranjar empregos e vantagens para todos, desde que um tio ou um cunhado logrem atingir uma altitude de poder que lhes permita a distribuição privada da coisa pública.

É também postulado nosso que uma sociedade é o que são suas famílias. Ora, é inútil disfarçar a situação em que hoje nos encontramos sob esse ponto de vista. De um lado vê-se a vertiginosa decomposição

de nossas melhores tradições. As famílias se desmancham. Os casamentos são cada vez mais efêmeros. E as casas funcionam apenas como plataforma de estação, como ponto de baldeação entre as correrias do dia e as correrias da noite.

É de um importância capital a compreensão do estreito nexos entre os sentimentos familiares e os cívicos, e é essa compreensão que falta em todas as teorias, da direita e esquerda, que pretendem resolver o problema da reestruturação da sociedade sem a amizade cívica e portanto sem a casa que é a oficina dessa amizade.

Voltemos a nossa idéia de um mundo humano formado de zonas concêntricas. Em contrações sucessivas chegamos à casa de família que é (ou deve ser) o lugar onde se destila a amizade cívica. O ar da amizade está ali (ou deve estar) em densidade maior e mais alta pressão. Por isso a casa se fecha. Escola, sala de armas onde se exercita a difícil esgrimagem da justiça, a casa tem o recato necessário a esse aprendizado que não deixa de ter o seu ridículo, como todo aprendizado. Lá dentro entre as quatro paredes bem opacas — contra as idéias arquitetônicas do Sr. Niemeyer — a família aprende e exercita, entre as alegrias e aflições, as regras dos atritos humanos.



Há muito esbarro no vaivém apertado da vida familiar, muitos cachações, como dirá Machado de Assis — mas é nesses mesmos choques cotidianos, e eu direi até nesse atrito contínuo, que cada um encontra as mais ricas oportunidades de exercer as virtudes. E quem diz exercer, nessa matéria diz adquirir.

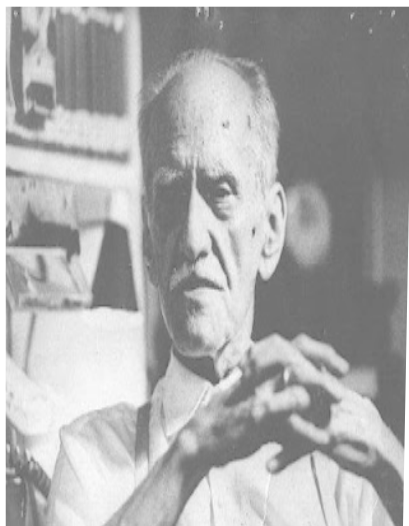
A luta moral tem uma característica que vale a pena encarecer. Enquanto nas lutas físicas, como nas guerras, o vencedor sai mutilado, ferido, exausto, mal se distinguindo do vencido; nas batalhas morais o vencedor sai sempre mais forte

do que entrou. Não é troféu, botim, prêmio material o que ai se conquista mas um novo vigor. Nas lutas morais, ao contrário das físicas, quem vai resistindo e vencendo, vai se tornando cada vez mais forte, mais armado, mais ágil, mais pronto. Daí a imensa utilidade desse exercício em ambiente fechado onde são múltiplas as oportunidades de lucro. E daí o terrível inconveniente de se armar a chamada harmonia familiar em termos de evasão.

Os moralistas de convenção referem-se freqüentemente às doçuras da vida familiar e ao suave remanso do lar. É mentira deles. São ufanistas da casa. Mentem como os idólatras da Vitória Régia, ou como locutores de rádio pagos para dizer ao microfone, em sete de setembro, que o país inteiro, de norte a sul, está vibrando de ardor cívico.

É certo que a casa tem doçuras de mel; como é certo que tem agruras de fel. Tem tudo o que é do homem em mais espessa e densa realidade. Às vezes a atmosfera fica tão sufocante, dentro de casa, que a rua se torna um paraíso apetecido. Saímos a respirar um pouco, para gozarmos o descanso das multidões indiferentes, da humanidade neutra, dos vultos que não nos cobram nada, dos rostos que não nos dizem respeito. E às vezes tem-se a impressão de uma irreparável destruição, de uma incompatibilidade sem remédio. Parece inútil lutar, tempo perdido insistir. É esses pensamentos uma vez que se instalem, vão corroendo em nós aquelas mesmas reservas em que deveríamos buscar a recuperação.

A fragilidade do matrimônio decorre de uma desmedida exigência de felicidade, ou melhor, da aplicação dessa exigência a uma coisa que não suporta tal pressão. Há um insolência nossa nessa impaciente cobrança de ventura, e há sobretudo um equívoco, porque pretendemos tirar da casa, do



matrimônio, do amor humano, um infinito rendimento, quando é finita e sempre muito exígua a nossa própria contribuição. Depositamos com mesquinha e queremos juro generoso, infinitamente generoso. E no desejo desse absurdo balanço nós somos injustos com o próximo, e injustos com Deus. Realmente, por mais esquisito que isto pareça, se alguém imagina que a sua noiva, e mais tarde a esposa, lhe possa dar plena felicidade, não terá direito de queixar-se nos dias de decepções, porque foi ele, inicialmente, o primeiro culpado de injustiça.

Só se restabelece o equilíbrio desse problema em que se põe num dos termos um desejo aberto para o infinito, quando no outro termo se coloca a lembrança muito consciente, muito reverente, do depósito de sangue infinitamente precioso que um Outro colocou à nossa disposição, e quando, conseqüentemente, para esse Outro orientamos todos os nossos anseios de felicidade perfeita.

Mas voltemos ao nosso ponto de partida, à casa, à casa fechada para o exercício da amizade. Disse que a casa é um segredo. De fato o é. Ou deve ser. Deve ser uma interioridade. Uma intimidade. Uma intimidade de afeições e uma intimidade de aflições. Um mundo de recato. Uma história escondida. Mas dentro desse segredo que abriga uma família há um outro segredo que se esconde da família. Naquela gruta de pedra há uma concha fechada e dentro dessa concha um segredo maior, escondido na intimidade e no segredo da casa. Os esposos se escondem. Escondem-se da casa, dentro da casa. Fecham-se dentro do que já é fechado. Abrigam-se no interior do que já é abrigado. E assim é que, nesse último reduto, nesse último porto, nesse abrigo, nessa concha, preparam não só o amor e a justiça, mas também o fruto dessa justiça e desse amor.

Vejam, vejam senhores como o mundo do homem é feito de sucessivas e concêntricas fronteiras que vão, desde aquelas que vemos no mapa com rios e cordilheiras, até a porta fechada da câmara conjugal. Mas agora apreciam o reverso do fenômeno: cada uma dessas muralhas é sucessivamente superada, como barragem de açude que se quer cheio para que transborde em serviço. O dinamismo das fronteiras está voltado para fora. E agora, vejam, vejam nessa nova direção como se expande o mundo do homem.

De fato, se é verdade que os esposos se escondem, em compensação não há nada menos escondido do que o fruto do seu segredo e não há nada mais apregoado, mais publicado do que a criança que nasce. Toca cem vezes o telefone, esse pequeno sino familiar do natal dos homens. É menino ou menina? Expedem-se cartões. Abrem-se janelas. Como se chama? Quanto pesa? Com quem se parece? As vizinhas comentam; as criadas, esquecidas de tudo, enternecem-se, e varrem melhor, lavam melhor, como se o filho, sendo da casa, fosse como pouco delas também; e as tias e as avós emitem vaticínios, ou confirmam profecias de que aliás ninguém mais se recorda.

O segredo tornou-se público. A porta misteriosa foi arrombada por um ladrão recém-nascido. E o aroma de alfazema que sai pelas frestas da casa, que se dilui no ar, no ar da rua, da paróquia, da cidade, já é a primeira suave emanção da amizade cívica, o oxigênio das almas.

A casa nesse dia deu o seu fruto. Fez a sua entrega.

Nasceu hoje uma criança. Nem é preciso telefonar para saber que naquela casa nasceu hoje uma criança. Vê-se de longe. Quem estiver acaso à janela pelas cercanias logo verá que alguma coisa aconteceu naquela casa, naquele navio ancorado: porque no seu exíguo convés, em sinal de festa, tremula uma carreira de fraldas ao vento — bandeiras brancas de júbilo e de paz.

O Globo, 03/01/1976.



Pe E. Cardozo

*Crônicas de viagem:
Trani, Puglia - Itália
A cidade duas vezes regada pelo sangue de
Cristo.*

Começamos a viagem na região de Puglia, banhada pelo Mar Adriático é a bela cidade de Trani. Com uma catedral românica sobre elevada, para isolá-la da umidade pela proximidade ao mar. Esta começou a ser construída em 1046; aqui a comunidade judaica era grande; foi no ano 1000, sob o pontificado de Gregório V, que uma mulher judia obteve uma hóstia



consagrada de uma mulher cristã, que a havia recebido na Quinta-feira Santa, na atual Igreja de Santo André, (naquele tempo Santo André e São Basílio). A judia lançou a Sagrada Espécie em uma panela com óleo fervente, imediatamente a Hóstia se transformou em Carne da qual começou a sair uma grande quantidade de sangue, derramando-se, inclusive, pelo chão da casa. A judia, ao ver o inesperado milagre, entrou em pânico e começou a gritar e correr. Os vizinhos avisaram

o clero e o bispo proclamou uma procissão reparadora a pés descalços até a catedral onde se preservou as relíquias da Carne sangrenta por séculos. Ela foi colocada num relicário de prata em 1611 e atualmente é venerada na casa onde aconteceu o milagre, chamada Igreja do Santíssimo Salvador.

Todas as Quinta Feiras Santas fazia-se a procissão com a relíquia e a Sagrada Espécie consagrada, na missa "in Cena Domini", era levada pelo bispo e todos os fiéis descalços. Após o Concílio Vaticano II a procissão foi suprimida.

Paulo Uccello, de Urbino, pintou um frontal com a história do milagre em 1465 para a Igreja do Santíssimo Sacramento em Urbino, onde havia chegado, como bispo, Monsenhor Urssini, que anteriormente havia estado em Trani. Dizem que o Padre Pio costumava dizer "bendita cidade de Trani que, por duas vezes, sua terra foi banhada pelo sangue de Cristo".



A 2ª vez ocorreu em 1480, durante uma invasão muçulmana à sua costa. Estes vieram para roubar e destruir no convento franciscano de Santa Maria sur Mari, também conhecido como o convento Colonna. Lá roubaram um Cristo, que foi carregado a um dos seus barcos. Deram-lhe um golpe de cimitarra para profaná-lo, ao ponto que este começou a sangrar. Espantados, os mouros decidiram lançá-lo no mar não muito longe da costa, deixando, o Cristo, um rastro de sangue enquanto flutuava no mar e, em seguida, foi recolhido pelos habitantes e levado, com grande veneração, de volta para o convento onde ainda é venerado.



*40 Anos depois. . . . uma nova
Cruz domina na Vila Mariana.*



*...Domina
no meio
dos teus
inimigos...*



Ps 109



Ps: segundo palavras de velhos moradores, 40 anos é o tempo em que não se constroem igrejas católicas no bairro

APOIE A OPERAÇÃO ACABAMENTO

Associação Religiosa e Cultural São Pio X
ITAU

Ag: 8098 Cc: 07749-1

CNPJ: 09.385.198/0001-43

SEMANA SANTA

- SÃO PAULO 2012 -

QUINTA-FEIRA SANTA

20:00 Missa "In coena
Domini"

Adoração até meia-noite

SEXTA-FEIRA SANTA

15:00 Via sacra
Solene Ação Litúrgica

SÁBADO SANTO

22:30 Vigília Pascal
00:00 Missa da Vigília

DOMINGO DE PÁSCOA

12:00 Missa Solene

FSSPX-BRASIL